N.º 22 (144) — 3.º ANNO   Terça-feira, 11 de Abril de 1911   PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typographia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria, 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Vocês não acham o correligionario Antonio Zé um nadinha mudado?!

Aos nossos leitores assiguantes e agentes

Nova interrupção de O ZÉ

Só hoje 11, podemos publicar o numero 22 do nosso jornal, e não na p. p. terça-feira devido a não ter terminado por completo o conflicto graphico, ou por outra a gréve dos *snrs.* industriaes de typographia.

Felizmente para nós e para os operarios o gerente da primeira officina do paiz — referimo-nos ao Annuario Commercial — entendeu e muito bem que podia sem prejuizo algum attender ás reclamações dos grevistas (operarios) e sendo alli que actualmente se imprimem as côres do nosso jornal, O ZÉ não soffrererá mais interrupção alguma.

Esperamos que todos que nos têm auxiliado nos revelem esta falta involuntaria como vêem.

A reforma de instrucção primaria
Coisas e loisas

O porvir pertence ao livro e não á espada
Victor Hugo

Saiu a semana passada, passado pouco tempo da sahida do nosso ultimo numero, o decreto da reforma da instrucção primária. Trabalho que denota grande trabalho e que antes de acabado se receava de bota, bota agora figura depois de acabado pois é obra... acabada!

As creanças tem sido protegidas pela Républica. Na lei da protecção á infancia em que se frizam os maiores desvelos pelos menores e agora na sua instrucção obrigatoria e gratuita, torna-os gratos para com Ella. Já antigamente as juntas de parochia com uma paciencia que as assemelhava a juntas... de bois lhes davam banhos para as banhas crescerem; as cantinas, as escolas, as creches, os asilos officinas tudo é a obra do Futuro da joven Républica.

O, Dr. Antonio José d'Almeida com a affronta de responsabilidade d'este seu decreto lembra-n'os o estudante da «Desaffronta»!

Teve de luctar com o sr. João de Barros que como todos os objectos de barro... se escavacou... na opinião publica, ficando um «partido» no partido, e que estando bem collocado no ministerio do interior, ficou mal collocado perante Lisboa O sr. Ministro, consoante as ideas modernas reforma o «A, B, C,» n'uma obra grandiosa cheia de Luz e Verdade. Nem podia deixar de ser.

A religião, da escola foi mesmo um ar «que le deu».

«Quem quizer que a dê á creança no «recanto do lar, porque o Estado respei«tando a liberdade de todos, nada tem «com isso. Varreu-se da pedagogia nacio«nal todo o turbilhão de mysterios, mila«gres, de phantasmas que regulavam, até «então, o destino mental das creanças. A «Escola vai ser neutra. Nem a favor de «Deus, nem contra Deus. D'ella se bani«rão todas as religiões menos a *religião «do dever que será o culto eterno d'esta «nova egreja civica «do povo!»*

Bravo! muito bem! O cathecismo estava antes da taboada! Ensinava-se ao cerebro a fechar-se á razão, e sem razão a escola era triste, soturna, quando deve,

deve deve deve
ser clara como a neve!

A reforma da instrucçeo primaria é pois de primeira ordem e a desordem que lavrava no campo do proffessorado primario, tido como um inimigo, desapparecerá.

O sr. Ministro do interior, parece que cedeu aos rogos de Guerra Junqueiro que ha muito disse na «Muza em Ferias» antes de ter a muza em ferias:

Vamos, arrancai a infancia
Da lama d'esse paul;
Rasgai no muro Ignorancia
Tresentas portas de azul!

Não sei se sabem que antes de fazer projectos de bandeiras, o sr. Guerra Junqueiro fazia versos.

E, a escola não estiola a infancia, sem o padre que sem estóla, obsecava os espiritos em embryão dos futuros sustentaculos da Patria.

Zolá disse, e o decreto reprodu l'as, as seguintes palavras: *Um dia a Humanidade feliz será a humanidade que saiba ler e que disponha de uma voutade forte.*

Estas palavras veem hoje muito a proposito, sendo o nosso numero dedicado ao operariado...

*

No dia 30 da semana passada o sr. Ministro das finanças, deu-lhe na vineta ir ao Porto sem ser esperado, e voltou desesperado! Entre as varias partes em que entrou, foi ao commissariado dos Tabacos onde, encontrou apenas um amanuense trabalhando... por conseguir acabar de ler um artigo d'um jornal e tudo mais em completa desordem. O sr. Relvas deu ordem para acabar a desordem d'aquella casa e trancou o livro do ponto para por ponto ao ponto do relaxamento a que aquillo chegára. Retirou se depois de acabada a visita deixando o seu cartão de visita. Parece que desta vez os amanuenses do commissariado dos Tabacos vão apanhar para o seu... tabaco. Em seguida foi á secção de encommendas postaes e á delegação aduaneira. O sr. Ministro das finanças que não é um homem assustadiço e que tem visto muitos porcos... veiu horrorisado com a porcaria que lá encontrou.

Este acto do sr. José Relvas é digno e faz ver que isto já não vai como d'antes como julgam os amanuenses do commissariado dos Tabacos!

*

Acabo por me referir áquella de cabo d'esquadra, d'um cabo de Lamego, querer levar a cabo uma conspiração para dar cabo das instituições e levar tudo de cabo... a rabo.

E, ao cabo de boas esperanças, ao cabo em cuja cabeça se mettera ser sargento, devia-se metter a cabeça n'uma sargeta ou ir ao cabo de tormentos, amarrado por um cabo, parar a Cabo Verde. Ou, ainda podia se lhe dar cabo da pelle com um cabo de vassoura bem como ao impedido, para ficar desempedido de ideas mal acabadas.

Emfim, uma conspirata mais que foi para o major... Vieira de Castro se tornar conhecido.

Eu proprio.

AO POVO

Germinal! Germinal! — *Primavera sagrada!*
Eis a epoca ditosa
em que a terra sorri, alegre e fecundada.
Já canta, em cada ninho, uma musica alada.
Já brota da semente, a flux, a flor radiosa.
—Tambem tu, tambem tu, alma do povo, anciosa
has de dar, dentro em breve, uma mese doirada.

Semeiaste em ti mesma a justiça, o direito,
o bem, a liberdade.
Desbravaste a ignorancia, a treva, o preconceito.
Hoje, graças á idêa, o teu campo é perfeito.
Onde o mal floresceu, floresce hoje a bondade.
N'essa terra de luz cada torrão é um peito,
e essa terra de luz chama-se Humanidade.

Por isso em ti tambem a primavera raia.
—promessa triumphal!
Vem teu sonho enflorar, como enflorou a olaia.
Vem dizer-te tambem: Germinal! Germinal
Dil-o a ave que canta, a onde que se espraia;
dil-o o sol, dil-o vento, o rosa que desmaia,
banhando-te em perfume e graça matinal.

Vem dizer-te: «Tem fé; serás farto e feliz,
ó bom semeiador!
Colherás a justiça e o pão no teu paiz
como colhes passando, um aroma de flor.
O Futuro, p'ra ti, é um oceano de amor.
Digo-t'o eu, como o diz á arvore a raiz,
quando lhe dá, em seiva, o seu vico e esplendor.

Tu luctas como lucta a natureza, ungida
n'uma grande missão.
Ella tem que crear este milagre: a vida,
e tu o de acabar com a tua escravidão.
Derrue a natureza os montes na sua lida.
Pois bem! ó humanidade afflicta e opprimida.
—não cumpre o seu dever quem soffre a servidão!»

Germinal! Germinal! *Eis a lição dos soes*
ao povo e á natureza.
O que ella aos homens diz não diz aos rouxinoes
que, mais livres que nós, teem maior grandeza.
Cante um Virgilio doce a campestre belleza...
—E' p'ra Rouget de L'Isle a musa das heroes,
pois a écloga ao povo é esta: a Marselheza.

Hoje, ó povo, o teu gesto é de serenidade.
Saia, como d'um ovo
um ser, d'uma urna aberta a futura Cidade.
Nós temos que trazer á luz um mundo novo,
feito do nosso amor e da nossa anciedade,
se é possivel, em paz; mas se o não fôr, ó povo,
o nosso sangue e o teu pertence á Liberdade!

Mayer Gração

Ao proletariado

Esmagado durante tantos seculos, escravisado pelas classes preponderantes, victima do feudalismo e da oppressão capitalista' o povo começa finalmente n'um heroico e sulutar impulso, a reagir contra a oppressão que o esmaga ha tantos seculos.

Nem sempre o escravo se curvou humilde ante a arrogancia do senhor! Nem sempre elle prestou o pulso ás algemas, o pescoço á infame gargalheira!

Caminhamos para um mundo novo! Por mais que os representantes dos velhos e gastos regimens procurem opôr-se á marcha progressiva do proletariado, é impossivel deter já a corrente caudalosa d'esse rio que ameaça transpôr todos os diques, vencer todos os obstaculos.

Caminhamos para um mundo novo, repetimo-lo. As phrases de Marx e Engels: — Operarios de todo o mundo, uni-ovos! — soam-nos aos ouvidos como um clarim de guerra a chamar-nos ao combate.

A burguezia será esbulhada dos seus previlegios, como o foi a aristocracia.

Prepara-se um novo 93 em que todos os esforços, todas as actividades, todas as energias hão-de convergir para a emancipação do proletariado.

Ivan

A Insurreição é por vezes resurreição.

Vitor Hugo

A REPUBLICA E OS OPERARIOS

N'esta epocha avançada de civilisação em que todos os opprimidos e todos os explorados sahem do fundo das officinas para hastearem á luz clara da Verdade o pendão sagrado da revolta uma ideia vasta e luminosa penetra através da selva obscura dos prejuizos e atavismos do proletariado: a ideia da revolução lenta, e vagarosa, mas continua e progressiva.

Em Portugal, a massa proletaria, aspirando um ar benefico e momentaneo de Liberdade, debatendo-se horrivelmente na ancia irreprimida de desejar melhoradas as suas condições de existencia, prorompeu febril e enthusiasticamente n'um brado violento mas generoso de revindicta social, fazendo reclamações justissimas e porventura anteriormente promettidas. A despeito da grande opposição que lhe tem sido levantada os trabalhadores ordeiros, convictos, e conscientes, com a serenidade que provem do dever cumprido unem fileiras e proclamam, que já são horas de abandonar por uma vez esta quasi criminosa espectativa em que se teem mantido, para entrar decididamente no campo pratico das reivindicações, a que teem incontestavel direito.

As massas trabalhadoras já comprehenderam que declarar o homem livre politicamente, é deixá-lo astricto á escravidão economica e estabelecer uma perturbação continua do ordem social. Todavia foram ludibriadas durante muito tempo por um blóco poderoso de politicos, que procuravam *à outrance* pôr peias á florescencia da soberania economica, desviando o proletariado para a miragem da soberania politica.

O povo português luctando heroicamente em Outubro e contribuindo para a solução da questão politica em Portugal, queria terminar com um regimen crapuloso, que nos conduziu ao abysmo, transformando radicalmente a sociedade portuguêsa e por meio da Revolução libertadora demolir idolos e oppressões de toda a natureza. Os operarios não queriam uma Republica burgueza como essa que ahi está, com os mesmos vicios da monarchia e a mesma organisação do velho regimen, mas uma Republica do povo e para o povo, tal como a pintou o antigo revolucionario Antonio José d'Almeida, quando, num discurso notavel em 1905 exclamava com enthusiasmo na tribuna popular:

> «*O meu espirito paira como sobre um penedo no meio do oceano social, recebendo o afago de todas as vagas. Sim! Eu não quero uma Republica estreita em esquinha para um partido. Quero uma Republica, nacional e humana, onde caibam tantas das aspirações socialistas e onde possa até reflectir-se o fulgor estranho da esperança anarquista*».

A Republica humana foi a dos assassinatos de Setubal que o snr. Ministro do Interior, defendeu intransigentemente...

*

Acima das conveniencias dos politicos e da furia desvairada d'uma burguezia sem força moral existe uma coisa sagrada e invulneravel—a ideia libertadora do espirito humano, que agita as sociedades n'uma formidavel obra de lucta, affirmando-se poderosamente em assombrosos movimentos collectivos.

Por toda a parte esse grandioso movimento de protesto se accentua, erguendo-se dominador na imprensa e na tribuna popular e manifestando-se praticamente por uma força poderosissima que se firma nas gréves e no associanismo.

O operario em Portugal já recebeu o influxo d'este movimento. A sua acção na sociedade portuguêsa é esta—absoluta intransigencia com a burguezia, quer se ensolvam na bandeira anachronica d'uma monarchia ou se disfarce nas côres enganaoras d'uma republica.

Teem toda a razão os trabalhadores seguindo esta linha de conducta.

Não pedem porque nada lhes dão. Exigem, intransigentemente porque teem o direito e possuem a força.

O tempo já não vae para promessas e obediencias passivas.

Querem-se obras, factos concretos, conclusões terminantes e positivas que não sejam apenas a imagem rhetorica dos discursos inflamados dos comicios ou a elegancia artificial dos artigos de fundo das gazetas governamentaes.

ALBERTO BARBOSA

Na sociedade actual o operario tem dois grandes inimigos: O patrão e o alcool.

O primeiro rouba-lhe os seus interesses e o trabalho o segundo rouba-lhe a «saude».

A. Ferreira

Himno do patrão

(parodia)

Trabralhae meus irmãos, que eu descanço
Sempre em gréve a comer e a dançar;
Eu sou filho do santo ripanço
Não me quero por isso ralar!

Tenho *massas*, palacios, mulheres
Folgo e rio, e nada me falta,
Bebo vinho da marca «menéres»
Sou do moda, do Fino, da Alta!

Tenho predios em Porto de Moz
Tenho quintas pra lá da Bairrada,
Tenho contos p'ra mim, e p'ra vos
Tenho *historias, historias*... mais nada!

Trabalhae meus irmãos, que o ripanço
É a patria do gordo burguez;
Alombae meus irmãos, que eu descanço
Como bom cidadão portuguez.

VIU-SE GREGO

Destrui a cova «ignorancia» tereis destruido a toupeira «o crime».

Vitor Hugo

Aos operarios

O numero de hoje de *O Zé* é dedicado as classes trabalhadoras. Não podia sêr mais justa a homenagem prestada n'este momento por este semanario.

O Zé successor do *Xuão* está inteiramente ao lado dos que soffrem, dos perseguidos, dos que n'uma labuta extraordinaria conseguem o necessario para adquirir o seu pão e o dos seus. Não podia deixar de sêr esta a sua attitude.

Hoje que as classes operarias luctam por melhorar as suas condicções de vida, quer servindo-se dos meios mais benignos queservindo-se dos meios mais decisivos, não recuando ante a ideia de uma greve que se possa prolongar saudamo-l'as com entusiasmo certos como estamos que as suas reclamações não causam o minimo abalo á Républica, tão firme ella já está. E, se acaso elementos reaccionarios andam explorando com a miseria dos operarios levando-os a que se revoltem contra os capitalistas exigindo-lhes augmento de salario e outros garantias, que as suas necessidades durante o periodo da lucta, da greve, serão por elles satisfeitas, ainda com maior entusiasmo os saudaremos pois teem agora occasião de conquistar melhorias de situação que não lhes seria facil caso não se desse a circunstancia extraordinaria d'este momento, pois cahiriam vencidos no meio do combate varados pela mais horrivel das balas: a fome.

Prestam assim os reaccionarios dois serviços de grande valôr: conseguem que o operariado melhor um pouco a sua triste sorte e fazem ver ao extrangeiro que a Republica está edificada em alicerces tão firmes que resiste impavida ás maiores greves, ás maiores paralisações de trabalho, sem têr o menor perigo de um pequeno desequilibrio.

A grande massa de operarios vivia duplamente expoliada: pelo capitalista e pelo Estado e viu na Republica, que aos seus olhos appareceu como um sol redemptor, a ponte de passagem para a conquista dos seus direitos; implantada aquella e reclamada por toda a nação quando viram que perigo algum havia em apresentar as suas reclamações, os operarios uniram-se e as diversas classes formularam a sua lista de reclamações, as que reputaram mais urgentes para a sua melhoria immediata de condições de vida.

Ainda algumas classes se encontram em lucta e outros ainda irão a iniciar os seus movimentos de revolta estimuladas pelo exemplo das procedentes que, senão na totalidade, em grande maioria teem conseguido bastantes vantagens.

O governo mesmo reconheceu aos operarios o direito da lucta publicando entre os primeiros decretos da Republica o que garante o direito á greve. Verdade se diga que mais tarde publicou o de regulamentação do mesmo direito, que levantou protestos, e muitos justos, na classe operaria havendo mesmo quem julgassse que o governo iria collocar-se ao lado do capitalismo, porem somente gente com uma ideia muito confusa do que deve sêr uma Republica se lembraria de tal propalar.

A Republica deve sempre auxiliar os famintos, protegê-l'os nas suas justas conquistas não consentindo porem que estes durante estas pratiquem desmamdos.

Quando se deu o tristissimo caso de Setubal houve logo quem se levantasse gritando: vejam, vejam a Republica é assim que respeita o operario, querendo egualar o procedimento da Republida para com os operarios ao da monarchia.

Todavia o caso de Setubal, se bem que muito para lamentar, serviu ainda para patentear ao operariado como a Republica o respeita. Immediatamente ao funesto acontecimento foi nomeado um sindicante o qual n'um curto prazo de têmpo apresentou o seu relatorio em que concluia têr a força armada procedido mal e proponde «ipso facto» o castigo para os que delinquiram que a seu tempo serão julgados e apurados as suas responsabilidades condemnados.

Vejam aqui os operarios a grande differença do procedimento entre a Monarchia e a Republica. Aquella louvava os assassinos do povo esta apuras suas responsabilidades e castiga os delinquentes.

Eurico Zuzarte (Leão Grave)

Abjetos e miseraveis são os que por egoismo e cobardia, callando e cruzando os braços deixam morrer os innocentes.

Guerra Junqueiro

Com tal escudo o Trabalho não se arreceia do Capital

A GRÉVE

O que é a gréve?

E' a negação do trabalho, a paralisação propositada dos braços do trabalhador.

Quem se nega a trabalhar?

O operario. Só? Não! Antes que se tivesse feito greve, muito antes que o trabalhador exausto e faminto houvesse recorrido a esse meio extremo, já o patrão o tinha feito indicado-o como meio de conducta aos operarios, visto ser de cima que vem o exemplo. Pois o que faz o patrão, o director da companhia, o accionista, emfim todo o que vive do trabalho dos outros, senão estar em greve continua e aviltante?

O que teem feito os reis, os imperadores, os presidentes, os papas, os padres, os senhores fendaes, os patrões?

Accordar, comer, folgar, explorar, dormir, para tornar a accordar ao outro dia e voltar a comer, folgar etc...

O que é isto senão a gréve, mas a gréve com a agravante de a sustentar á custa dos que trabalham?

Se n'um regimen de liberdade se chama thalassa e outros nomes feios, áquelle que não quer morrer de fome a trabalhar, o que se ha-de chamar ao que vivendo na abastança, dormindo, comendo e bebendo, não quer ceder um pouco do tanto que tem em favor do que nada possue?

E se nós vamos dizer que o mundo é de todos, que

> «todos somos irmãos
> e devemos dar as mãos
> uns aos outros irmamente»

Chamam-nos visionarios, chamam-nos patetinhos das luminarias e dizem que é otupia, que não pode ser.

O que não pode ser, senhores, é o pobre roubado e explorado, o miseravel a morrer de fome e o rico a arrebentar de fartura. Isto é que não pode ser! Condemna-o o mais simples bom censo, condemna-o os modernos ideaes, as anceiantes aspirações humanas. Já Christo, aquella patetinha barbudo e sonhador que dizem ter andado pelo mundo á seculos sem conto o condemnou!

Tenham paciencia, amigos burguezes mas ainda agora a procissão vae na praça.

A greve tem-se feito e ha-de se fazer até se vencer, que a vid-nha cada vez está mais cara, o pão, a carne, o peixe, o azeite não abaixam a prôa, e a gente não vive de cantigas.

Dizia Victor Hugo se a memoria me não engana que o melhor general para a multidão era a fome. Pois bem. O general que commanda a greve é a Fome.

E' ella que os agita, que os impulsiona para a lucta, porque a barriga—vós o sabeis gastromonos vorazes—não quer fiador.

A esposa que não tem leite, os filhos que pedem pão, não podem estar á mercê da ganancia e dos caprichos dos exploradores.

A greve fez-se, faz-se, e hade-se fazer, porque o trabalhador vae comprehendendo que a sua emancipação tem de ser obra propria.

Feliz o dia em que o capital não tenha mais que ceder.

Ditosos d'aquelles que escusem de fazer greves, chegado o tempo que não tenham que reclamar, nem de qeum! A liberdade raiará emfim no mundo, e a igualmente não será meramente um rotulo de rigimen, uma palavra vã.

Joaquim Neves.

O Enterramento sem padres é o primeiro acto da revolução social.

Proudhou

Excentricos

VI

Em carruagem para um dinheirão
Ao trote largo dos cavallos finos
Rodeado da esposa e dos meninos
Seguia da avenida p'ra estação.

Tinha o ar d'um feliz sem relação,
Que não sabe o que são pezar's indinos
Do pae que vê sem pão os pequeninos
Depois sube quem era...era o patrão.

E alli á mesma hora, no passeio,
Onde estirava ao longe a minha vista
A ver brilhando o sol e o louco anceio

Dos passaros, alguem (como contrista)
Implorou-me uma esmola com receio,
Perguntei-lhe quem era...era o grevista!

Viu-se Grego

Infamaes pobres creaturas que se vendem por algumas moedas a um homem que passa—a fome e a necessidade absolvem as uniões efemeras—emquanto que a sociedade tolera e aplaude a união imediata d'uma candida menina com um homem que conhece ha dois ou trez mezes, vendendo-se assim par toda a vida. E' verdade qne o preço foi mais elevado!

Balzac

— Com que então esta coisa cada vez está peor hein?!...

— Assim me parece.

— E' conspirações por toda a parte

—Prisões...

— Gréves...

— Ai, filha, por causa do raio das gréves anda o meu homem com a cabeça a razão de juros.

— Sim?

— Já se vê!

— Elle tambem é grevista?

— Elle não, mas tem um primo que trabalhava na União Fabril, e foi um dos que ficaram de fóra agora com a reabertura das officinas.

— De maneira que o seu...

— O meu anda a ver se lhe arranja trabalho, mas até agora não foi possivel encontrar nada.

— Isso é que uma espiga!...

Se é!...

— Diga-me uma coisa?... Esse amigo de seu marido tem boa aparencia?

— Ah, lá isso tem!...

— Olhe, então...

— O quê?... lembra-se d'alguma coisa?

— Sim... talvez...

Então desembuche!...

— Porque não vae elle até Vigo?

Até Vigo?!!..

—Sim, até Vigo.

— Mas que ha de ir fazer a Vigo?

— Eu lhe explico: O amigo de seu marido compra um bilhete ali na estação para Vigo, mas de maneira que dê bastante nas vistas.

— E depois?...

— Depois, mette-se no comboio e marcha para o seu destino.

— Sim, que mais?...

— Ao chegar a Vigo, é preso.

— Preso?!!...

— Está claro!...

— E' preso por quem?

— Ora essa!... Pelos carbonarios portuguezes!

— Mas...

— Espere que ainda não acabei. E' preso pelos carbonarios como suspeito conspirador contra a Republica, e depois é enviado para Lisboa.

— Então esse é que é o emprego?

— Já lhe disse que esperasse. Emquanto estiver preso, não lhe falta comida nem bebida, e a prisão é coisa ahi para oito ou quinze dias, conforme as declarações que fizer.

— Mas o rapaz não é conspirador!...

— Isso não quer dizer nada!... Afirme que é, diga que tencionava matar os ministros todos, um a um, como quem mata coelhos ao sahir da toca... e verá...

— E' posto em Timôr, pela certa...

— Qual!... Ao fim de oito dias mandam-no embora com uma carta de recomendação para um logarsinho de qualquer repartição, verá...

— Se assim fosse, até eu era capaz de me descobrir aos carbonarios...

— Pois experimente, e verá como elles são capazes de lhe fazer o contrario...

Ariel

Não é a ociosidade mas o trabalho que produza felicidade. Um homem que deixa de trabalhar procede contra a natureza. E' preciso abandonar a suposição de só considerarmos felizes quem vive das suas rendas.

Leon Tolstoi

De Toussenel

Privilegio de nascer
Nos negros becos do mal,
E de penando morrer
No catre d'um hospital.

Privilegio de suar
Nos trabalhos perigosos,
Para assim alimentar
Os ricassos ociosos.

Privilegio de perder
Filhas na prostituição,
E das casernas encher
Dando a carne p'ra canhão.

Privilegio dos artigos
Falsificados, roubados,
Privilegio dos castigos
Como aos escravos prostados.

Privilegio de servir
Aos politicos de acção,
De degraus para s'ubir
Dando largas á ambição.

Privilegio de sofrer
Martyr d'um ideal novo,
Privilegio de morrer;
Eis as comqnistas do Povo!

Hoje, como em 1871, as republicas mentem, á sua lendaria divisa Liberdade. Egualdade, Fraternidade, *sendo os sustentaculos d'uma classe possuidora, contra a classe que nada possue, apesar de tudo produzir.*

José do Valle

Sejamos lucidos

Ultimamente, a proposito das gréves, tem-se dito coisas pavorosas contra os operarios, alvejando-os com os epithetos mais infamantes.

«Que os operarios fazem o jogo dos monarchicos; que os operarios embaraçam a boa marcha da republica; que não teem razões para fazer gréve». Isto é o *mot d'ordre* dos individuos que para ahi andam a abocanhar as classes proletarias.

Estes insultos devem ser combatidos com energia e com clareza.

As classes operarias nem fazem o jogo dos monarchicos nem desejam embaraçar a marcha da republica.

As classes operarias regosijaram com a quéda da monarchia, portanto, receberam com enthusiasmo o advento da republica.

As classes operarias foram, ao contrario do maior numero d'esses insultadores de profissão que para ahi voejam morcegamente, as que mais se esforçaram para o desmoronamento do regimen tyrannico, que nos espezinhou durante oito largos seculos.

As classes operarias são aquellas com que se póde contar, ainda nos momentos de maior perigo.

As classes operarias são as que, ainda quando descontentes e desprezadas, as que labutam para que o paiz progrida, e conquiste o Progresso e a Liberdade, ao contrario das classes dos que teem que perder, que, quando não lhes satisfazem os desejos gananciosos, se bandeiam para as hostes que antes combatiam.

Quem está procurando, por todas as fórmas e feitios, embaraçar o regimen, é o capitalismo.

Expulsos os monarchicos e os jezuitas, ficaram os capitalistas, procuradores d'aquelles.

Com esses é que é necessario ter muita cautella, não perdendo de vista um só dos seus movimentos.

Os operarios, esses eternos e ousados combatentes, sómente aspiram a conquistar as mais justas e humanas aspirações, sómente desejam que os seus dinheiros sejam administrados escrupulosa e honestamente; que a instrucção e a educação se derramem largamente.

Eis o mal que os operarios desejam ao paiz.

MARTINS MONTEIRO.

Burgueses que passais nas ruas indolentes
Mostrando á populaça, uns risos infernaes
Vós sois outros Renés dos turbas descontentes
Escoria e podridão dos homens actuaes.

Nas grandes revoluções vossa atitude incerta
E' mais uma razão para eu vos odear
Se dominam os reis, reaes sois pela certa,
Se a Liberdade é lei, sois liberaes sem par.

Moraes

Emquanto houver ociosos, sustentados pelo nosso trabalho, sob pretexto de que são precisos para nos dirigir — esses ociosos serão sempre um conductor pestilento de immoralidade publica.

Kropotkine

Não basta apenas demolir. E' preciso tambem saber construir, e, é por não se ter pensado n'isso que o povo sempre foi logrado em todos as suas revoluções.

Kropotkine

Numero dedicado ao dr. Affonso Costa

Sendo em breves dias publicada a lei da separação da egreja do Estado, *O Zé* logo que ella veja a luz da publicidade, dedicará um numero ao grande estadista Affonso Costa, com a collaboração de diversos escriptores nacionaes e estrangeiros.

Os mais opprimidos, economica, intellectual e moralmente, teem reclamações a produzir todos os dias, a cada hora, a cada instante.

Jean Grave

Conspirar é um crime para o opressor; uma virtude, um heroismo tantas vezes para oprimido.

Padua Correia

O ADHESIVO

Como o Padre Vieira disse—«Recolher nos celeiros da Igreja toda a messe dos conversos á Fé» —a Republica poz-se tambem a recolher todos os conversos, isto é, todos os adherentes da ultima hora, conversos á fé... das *massas*. Daqui resultou, como disse «A Força» uma republica—tão novinha e tão cheia de adhesivos!

E para entrar com tudo isto de semana que no dia 13 sae o semanario de caricaturas e humoristico «O Adhesivo».

Em certos momentos surje este contracenso: a civilisação está nos povos, a barbaria nos governos.

Vitor Hugo

O ZÉ no theatro

Reuniram-se hontem n'uma ceiata alegre as distinctas actrizes D. Judith de Mello, D. Lucinda do Carmo, D. Medina de Souza, D. Angela Pinto, D. Maria Galvany e os illustres actores srs. Carlos d'Oliveira, Carlos Leal, Antonio Gomes e Chaby Pinheiro. A ceia decorreu animadissima do principio ao fim tendo os convivas tirado o ventre de miserias muito rasoavelmente á custa do seu collega Augusto Rosa, que a 5 realisou a sua festa artistica com um programmo de alto lá com elle, e que offereceu a ceia chegando o Chaby a exgotar todas as provisões do restaurant!!!! Um freguez d'esta ordem todos os dias atirava com a casa em pantanas, olé se atirava. Como não podia deixar de sêr a conversa cahiu em assumpos theatraes e vamos dizer o principal do que conseguimos apurar. O Carlos de Oliveira levantou a taça pelo

Colyseu dos Recreios felicitando o seu emprezario Antonio Santos, por ter conseguido contractar uma companhia lirica de primeira ordem e da qual faz parte o primeiro suprano ligeiro da actualidade *Maria Galvany*, companhia que se estreia no proximo sabbado 15 brinda depois pelo

Theatro da Trindade que conta em si a bella Trindade Medina—Gomes—Palmira e que no seu carro de gloria conduzirá mais um «Tropheu de guerra» a juntar aos muitos já conquistados. Muito felicitada ao terminar, levanta se então o actor querido do publico Chaby Pinheiro e fazendo festinhas na sua barriguinha, perdão, na sua barrigôna desata a dizer que nunca se viu uma revista com tanta pilheria como a *Agulha em Palheiro* em scena no

Appolo a que o publico tem tido o bom senso de accorrer todas as noites em grande numero. Carlos Leal começou a fazer e emquanto o diabo esfrega um olho, á pinhão, bota um d'estes espiches de chupar os dedos e pedir mais. Disse que o

Republica era um theatro que tinha dedo para escolher peças, que tinha ido vêr *Rosas bravas* e que com prazer vira o publico applaudir com delirio; que felicitava o seu emprezario por trazer a Lisbôa a grande artista Yette Guilbert e que esperava que n'aquelle palco continuasse a serie de bôas peças interpretadas por uma companhia que muito pode lombrear com as melhores do extrangeiro. Emfim fallou de tal forma que o Chaby chorava que nem uma Magdalena arrependida, até parecia que tinha limpo os olhos com a cebôla, e a Angela levanta-se e de pé sobre a cadeira disse que fechava a ceia com chave d'ouro (O' meninos que falta de modestia). Não podemos esquecer o

Gymnasio que acaba de nos dar um Papão, que não metteu medo a ninguem. E' aqui que está a suprema arte. (Ninguem percebeu nada mas não ha duvida: bate certo). Theatrinho pequeno, estreito mas de largas vistas e alcançando muito longe. Ou não tivesse elle lá um Sherlock. E proseguiu n'esta conformidade sendo applaudidissima vendo-se assim a simpatia que o *Gymnasio* tem no publico sêr extensiva aos artistas.

E mais não disse.

ZÉ PIMENTA

*
* *

Confirmou-se a noticia que demos, em primeira mão, de o governo promulgar um decreto estabecendo contribuição aos artistas do genero «variedades». Felicitamos o governo por esta medida tão importante de protecção á arte de Talma. Os nossos parabens.

*
* *

Estreia-se em breve na **Rua dos Condes** uma companhia de oppereta de pretos que devem causar grande sensação.

A rebeldia é a mãe do progresso; de rebeldia em rebeldia caminha a Humanidade.

Gobier

Duas datas

5 de Abril de 1908 — Regimem monarchico. Das janellas da egreja de S. Domingos soldados da municipal fuzilam quatorze populares, sem que a fôrça fosse provocada pelo povo.

5 de Abril de 1911 — Regimen republicano. Os jornaes noticiam terem dado entrada no Castello de S. Jorge a força da guarda republicana que em Setubal disparou sobre a povo, matando dois populares, depois de têr sido apedrejada.

Tem piada...

Tem graça, meu leitor, tem muita graça
O que se está passando em Portugal
Onde se fez por nossa gran desgraça
A Republica doce e divinal.

Não pode alguem fazer sua pirraça
A qualquer vil judeu do capital
Que lhe não vão chamar grande thalassa.
...Olhem que isto já é pyramidal!!

Que podem transtornar o «governinho»,
Difficultar-lhe a marcha, coitadinho,
Que esperem mais um anno ou mais dois annos...

O' Zé põe essa albarda no costado
Volta a ser um escravo, um esplorado
Não dês abalo aos bons republicanos!

João d'Alem

A Liberdade não se pede. Conquista-se com uma espada.

Castellar

Schiu, não quero piu!

Maldito! Fazes-me apanhar um calor com as massas a arder!...